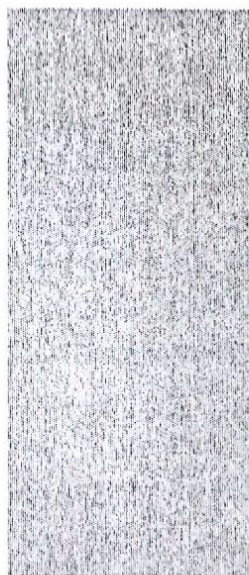


Wilson Sandano ()*

Revisitando Marx (**)

(*) Professor de Princípios e Métodos de Supervisão Escolar e de Sociologia da Educação da UNISO. Mestre em Educação pela UNIMEP. Doutorando em Educação pela UNIMEP.

(**) Adaptação de trabalho apresentado na Atividade Supervisionada “Seminários Avançados sobre o Materialismo Dialético e Política Educacional no Brasil”, do Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UNIMEP.



RESUMO

O Autor pretende, neste artigo, analisar o papel das categorias dentro do materialismo dialético, com vistas à sua utilização como forma de pensamento, como forma de visão do real e como forma de contribuir para uma transformação deste mesmo real.

Para que esta análise aconteça, é inevitável uma referência à obra de Hegel e de sua influência sobre Marx, bem como ao contexto em que ambos viveram.

ABSTRACT

In this article, the author intends to analyze the role of categories inside the dialectic materialism, aiming at using it as a way of thinking, of viewing reality and as a way of contributing for the transformation of the same reality as well. For this analysis to come true we must refer to the work of Hegel, his influence on Marx as well as to the context both of them lived in.

Procuraremos neste trabalho analisar o papel das categorias dentro do materialismo dialético.

Não foi nossa intenção procurar validar ou justificar a metodologia marxista, o que, para nós, é questão superada, pois, em nossa pesquisa vinculada ao Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, a estamos utilizando.

O que pretendemos com este texto foi realizar um estudo para nossa melhor compreensão e maior aprofundamento na filosofia da práxis, para que possamos melhor utilizá-la como forma de pensamento, como forma de visão do real, como forma de contribuir para uma transformação deste mesmo real.

Partimos do pressuposto de que, para tratarmos do método dialético e de suas categorias, não podemos nos esquecer de HEGEL.

Também, a própria filosofia da práxis nos ensina que, quando queremos estudar algum autor, não podemos nos esquecer das correntes de idéias que o influenciaram, mesmo que elas tenham sido superadas.

1. O CONTEXTO EM QUE VIVERAM HEGEL E MARX

Para nossa melhor compreensão do pensamento de HEGEL e MARX, devemos situá-los no contexto em que viveram.

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL nasceu a 27 de agosto de 1770, em Stuttgart, e morreu a 14 de novembro de 1831, em Berlim. KARL HEINRICH MARX nasceu a 5 de maio de 1818, em Trier, na Alemanha, e morreu a 14 de março de 1883, em Londres. Ambos, pois, viveram na Europa, em um período que pode ser localizado entre o final do século XVIII e quase todo o século XIX.

Naquele período, a cultura européia estava florescente, existindo, inclusive, uma tendência ao eurocentrismo. Na mesma época, registrava-se grande influência do romantismo, do idealismo alemão, da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas.

Vamos, então, procurar entender o que foi esta influência.

O romantismo, movimento cultural complexo, em escala mundial, do princípio do século XIX, consistiu no abandono das regras de composição e estilo

dos autores clássicos, pelo individualismo, pelo lirismo e pelo predomínio da sensibilidade e da imaginação sobre a razão¹.

Já o idealismo era uma corrente filosófica que reduzia o ser ao pensamento ou a alguma entidade de ordem subjetiva, considerando que o espírito, ou a consciência, ou as idéias, ou a vontade, etc., são o dado primário com base no qual se deverão resolver os problemas filosóficos. Sua contribuição ao progresso científico e cultural foi muito grande, sobretudo pela conquista de métodos lógicos rigorosos, que, em grande parte, são fruto da reflexão sobre o pensamento empreendida pelos idealistas de todas as épocas, e pela sua confiança no valor e no poder da atividade racional².

Dentro do idealismo, importa-nos conhecer o pensamento do idealismo alemão, para o qual a filosofia deveria ter o direito de guiar os esforços do homem visando ao domínio racional da natureza e da sociedade, uma vez que ela é quem elabora os conceitos mais altos e mais gerais que servem ao conhecimento humano. Este domínio da natureza e da sociedade pressupunha o conhecimento da verdade, que era universal, “em contraste com a aparência diversificada das coisas ou com sua forma imediata na percepção individual”³.

Poderia (...) a estrutura do raciocínio individual (a subjetividade) produzir leis e conceitos gerais que pudessem constituir os padrões universais da racionalidade? Seria possível construir-se uma ordem racional universal, fundada na autonomia do indivíduo? Ao responder afirmativamente a estas questões, o idealismo alemão visava a um princípio unificador que preservasse os ideais de uma sociedade individualística⁴.

A unidade e a universalidade não podiam ser encontradas na realidade empírica, pois não eram fatos. Ao contrário do empirismo inglês, que atribuía a existência das idéias gerais à força do hábito ou derivava de mecanismos psicológicos os princípios pelos quais se apreende a realidade,

(...) argumentavam os idealistas que a razão teria de se curvar aos ditames dos ensinamentos empíricos, a não ser que se pudesse mostrar que aqueles conceitos que exigem necessidade e universalidade são mais do que produtos da imaginação; a não ser que se pudesse mostrar que sua validade não é derivada da experiência; a não ser, enfim, que se pudesse mostrar serem eles aplicáveis à experiência, sem dela serem provenientes. Por outro lado, se conhecimento por

1. LACERDA, Carlos Augusto, GEIGER, Paulo (ed.). *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 22.

2. LACERDA, Carlos Augusto, GEIGER, Paulo (ed.). Ob. cit.

3. MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 29.

4. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 29-30.

meio da razão (conhecimento por meio de conceitos não derivados da experiência) significa metafísica, então o ataque à metafísica é, ao mesmo tempo, um ataque às condições da liberdade humana, pois o direito que assiste à razão de dirigir a experiência constituía um dos aspectos daquelas condições⁵.

O idealismo alemão foi considerado como a teoria da Revolução Francesa, que, em contrapartida, exerceu grande influência sobre os sistemas idealistas de um modo geral, e o alemão em particular, determinando, inclusive, em alguns aspectos, sua estrutura conceitual.⁶ Conforme MARCUSE:

A Revolução Francesa, aos olhos dos idealistas alemães, não só abolira o absolutismo feudal, substituindo-o pelo sistema econômico e político da classe média, mas, ao emancipar o indivíduo como senhor autoconfiante de sua vida, completara o que a Reforma Alemã havia começado. A situação do homem no mundo, seu trabalho e lazer, deveriam, doravante, depender de sua própria atividade racional livre e não de qualquer autoridade externa. O homem superara o longo período de imaturidade, durante o qual fora oprimido por esmagadoras forças naturais e sociais, e se tornara o sujeito autônomo de seu próprio desenvolvimento. Daí em diante, a luta contra a natureza e contra a organização social deveria ser orientada por seu próprio progresso no conhecimento. O mundo deveria tornar-se uma ordem de razão⁷.

O mesmo autor afirma que os ideais da Revolução Francesa encontraram seu suporte no capitalismo industrial. Napoleão liquidara as tendências radicais da revolução, mas consolidara suas conseqüências econômicas. Os filósofos franceses, do período, associavam a realização da razão ao crescimento industrial. O fundamento da razão era o processo econômico⁸.

Foi neste quadro de idéias que HEGEL e, posteriormente, MARX construíram seu pensamento.

2. HEGEL

Para que possamos entender MARX, é necessário compreender HEGEL. Esta é uma máxima corriqueira.

ENGELS nos diz que HEGEL

(...) foi (...) o primeiro a tentar pôr em relevo, na história, um processo de desenvolvimento, uma conexão interna; e por muito estranhas que hoje nos pareçam

5. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 32.

6. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 17.

7. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 17-18.

8. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 18.

muitas coisas de sua filosofia da história, a grandeza da concepção fundamental continua a ser, ainda, alguma coisa de admirável: tanto se compararmos com ele os seus predecessores, quanto se nos fixarmos nos que depois dele se permitiram fazer considerações gerais sobre a história.

(...)

Essa concepção de história, que fez época, foi a premissa teórica direta da nova concepção materialista, e já isso criava também um ponto de ligação para o método lógico⁹.

Vamos, então, procurar compreender o método hegeliano e a sua filosofia da história.

2.1 O Método

A filosofia de HEGEL é um sistema que subordina os mundos inorgânico e orgânico, a natureza e a sociedade sob o domínio da razão¹⁰.

Hegel considera o caráter sistemático da filosofia como um produto da situação histórica. A história atingiu uma etapa na qual é possível a realização da liberdade humana. A liberdade, entretanto, pressupõe a realidade da razão. O homem só poderia ser livre, só poderia desenvolver todas as suas potencialidades se seu mundo estivesse dominado por uma vontade racional totalizadora e pelo conhecimento. O sistema hegeliano prevê um estado em que esta condição estivesse realizada¹¹.

Para ele, há um espírito do mundo (razão), que consiste na soma de todas as manifestações humanas. A verdade é basicamente subjetiva e não há possibilidade de haver uma verdade acima e além da razão humana.

Para que possamos saber sobre o mundo, devemos partir da própria história. A história da razão é a história de todos os pensamentos formulados por todas as gerações.

No dizer de MARCUSE, a lógica de HEGEL “expõe a estrutura do ser-como-tal, isto é, as formas gerais do ser”¹². Esta lógica lida com as categorias da tradição filosófica: substância, afirmação, negação, limitação, quantidade,

9. ENGELS, F. A “Contribuição à crítica da economia política” de Marx. São Paulo: Alfa-Omega, [s.d.], p. 309.

10. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 35.

11. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 35.

12. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 69.

qualidade, unidade, pluralidade, etc. No entanto, ela, também, trata das normas gerais do pensamento.

Para HEGEL há unidade do pensamento e do ser.

O ser seria um processo: aquele pelo qual uma coisa 'compreende' ou 'se apodera' dos vários estados de sua existência, levando-os à unidade mais ou menos duradoura do seu 'em-si', constituindo-se pois, ativamente, como 'a mesma' através de toda mudança. Tudo o que é, em outras palavras, existe, em maior ou menor grau, como um 'sujeito'. A mesma estrutura de movimento perpassa todo o reino do ser, e unifica os mundos objetivo e subjetivo¹³.

A lógica de HEGEL, ainda, parte dos conceitos que apreendem a realidade como uma diversidade de coisas objetivas, livres de qualquer elemento subjetivo. Estas coisas estão relacionadas quantitativa e qualitativamente, mas a análise destas correlações nos mostra que há outras relações que não podem ser interpretadas em termos de qualidade e quantidade objetivas.

Para HEGEL, todo ser difere essencialmente do que seria se realizasse suas potencialidades, que são dadas no conceito.

O ente teria ser verdadeiro se suas potencialidades se realizassem havendo, por conseguinte, identidade entre sua existência e seu conceito. A diferença entre a realidade e a potencialidade é o ponto de partida do processo dialético que se aplica a todo conceito na Lógica de Hegel¹⁴.

Esta dialética tem como convicção que todas as formas imediatas da existência, naturais ou históricas, são más, uma vez que não permitem que as coisas sejam o que podem ser. Esta negatividade tem um caráter positivo, pois força o sujeito a procurar remédio para este estado de privação.

O processo dialético tem sua força motivadora na pressão para superar a negatividade. A dialética é um processo num mundo onde o modo de existência dos homens e das coisas é engendrado em relações contraditórias; assim, cada conteúdo particular só se expande ao mudar-se no seu oposto. Este último é parte constitutiva do primeiro, e o conteúdo do todo é a totalidade das relações contraditórias nele implicadas. Logicamente, a dialética começa quando o entendimento humano reconhece ser incapaz de apreender alguma coisa de modo adequado por meio das formas qualitativas ou quantitativas pelas quais a coisa é dada. A qualidade, ou a quantidade, dada parece ser uma 'negação' da coisa que possui tal quantidade ou qualidade¹⁵.

13. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 70.

14. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 72.

15. MARCUSE, Herbert, Ob. cit., p. 73.

Como ocorre este processo dialético? O que é este método? Vejamos MARX: (...) Mas o que é este método absoluto? A abstração em movimento. E o que é a abstração em movimento? O movimento estado abstrato? O que é o movimento em estado abstrato? A fórmula puramente lógica do movimento ou o movimento da razão pura. Em que consiste o movimento da razão pura? Consiste em se pôr, se opor, se compor, formular-se como tese, antítese, síntese ou, ainda, afirmar-se, negar-se, negar sua negação.

Como opera a razão para se afirmar, para se pôr como categoria determinada? Isto é tarefa da própria razão de seus apologetas.

Mas uma vez que a razão conseguiu pôr-se como tese, esta tese, este pensamento, oposto a si mesmo, desdobra-se em dois pensamentos contraditórios, o positivo e o negativo, o sim e o não. A luta entre estes dois elementos antagônicos, compreendidos na antítese, constitui o movimento dialético. O sim tornando-se o não, o não tornando-se sim, o sim tornando-se simultaneamente sim e não, o não tornando-se simultaneamente não e sim, os contrários se equilibram, neutralizam, paralisam. A fusão destes dois elementos contraditórios constitui um pensamento novo, que é a sua síntese. Este novo pensamento se desdobra ainda em dois pensamentos contraditórios que, por seu turno, se fundem em uma nova síntese. Deste trabalho de processo de criação nasce um grupo de pensamentos. Este grupo de pensamentos segue o mesmo movimento dialético de uma categoria simples, e tem por antítese um grupo contraditório. Destes dois grupos de pensamento nasce um novo, que é sua síntese.

Assim como do movimento dialético das categorias simples nasce o grupo, do movimento dialético dos grupos nasce a série e do movimento dialético das séries nasce todo o sistema¹⁶.

2.2. A filosofia da história

A razão é o soberano do mundo para HEGEL: o verdadeiro ser é a razão, que se manifesta na natureza e se realiza no homem. Esta realização ocorre na história, mas como a razão que se realiza na história é o espírito, então a força que move a história é este espírito.

Se a Lógica de HEGEL exhibe a estrutura da razão, a sua Filosofia da História expõe o conteúdo histórico dessa mesma razão.

(...) podemos dizer, o conteúdo da razão é aqui o mesmo que o conteúdo da história, embora por conteúdo compreendamos, não a miscelânea de fatos histó-

16. MARX, Karl. A miséria da filosofia. São Paulo: Global, p. 104-105.

ricos, mas o que faz da história um todo racional: as leis e tendências para as quais os fatos apontam, e das quais eles recebem sua significação¹⁷.

Para HEGEL, o verdadeiro sujeito da História é o universal, não o indivíduo. Como a essência deste universal é o espírito, a essência do espírito, para ele, é a liberdade. Então o conteúdo verdadeiro da História é o progresso da consciência da liberdade, a realização da autoconsciência da liberdade.

Cada obstáculo no caminho da liberdade é superável pelos esforços de uma humanidade autoconsciente. Esta é a lei universal da história.

(...) as leis históricas se criam e se realizam unicamente pela prática consciente do homem, de modo que se existe, por exemplo, uma lei que determine o progresso em direção a formas cada vez mais altas de liberdade, tal lei deixa de cumprir-se se o homem não a consegue reconhecer e executar. A filosofia da história, de Hegel, poderia importar em uma teoria determinística, mas o fator determinante é a liberdade. O progresso depende da habilidade dos homens em apreender o interesse universal da razão, e da sua vontade e eficácia em torná-la uma realidade¹⁸.

A razão é, também, progressiva, pois sempre acrescenta algo novo ao que já existia, fazendo com que o conhecimento humano progrida cada vez mais. O espírito do mundo caminha para uma consciência cada vez maior de si mesmo, para sua autocompreensão. Os homens históricos nada mais são que executores da vontade da história, do espírito do mundo.

“A soberania do espírito do mundo, tal como Hegel a descreve, revela os traços sombrios de um mundo controlado pelas forças da história, em lugar de as controlar”¹⁹.

É a partir deste método dialético e desta filosofia da história que MARX constrói a sua metodologia.

3. MARX

No dizer de LÖWY, o dilema da filosofia pré-marxista era se dever-se-ia modificar primeiro as circunstâncias para, a partir daí, transformar as consciências ou se, ao contrário, dever-se-ia, primeiro, transformar as consciências para, depois, transformar a sociedade²⁰. Era o dilema entre o materialismo vulgar e o idealismo moral. Este é

17. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 207.

18. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 213.

19. MARCUSE, Herbert. Ob. cit., p. 215.

20. LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985, p. 23.

*o dilema da impotência porque, na realidade, esses dois modelos de pensamento são incapazes de produzir uma ação social real, são impotentes para transformar a sociedade. É o dilema da impotência de, por um lado, o fatalismo das leis puras e, por outro lado, o moralismo das puras intenções*²¹.

O pensamento de MARX, desenvolvido a partir de uma crítica da filosofia de HEGEL e da tradição racionalista, traz um novo modo de enfrentar a questão: a relação entre as idéias e a prática social.

Segundo ENGELS, MARX era o único que poderia retirar da lógica hegeliana as suas verdadeiras descobertas, “com relação à forma exata de desenvolvimento do pensamento”²².

3.1 O método de Marx

MARX critica HEGEL por conceber o real como resultado do pensamento:

O todo, na forma em que aparece no espírito como todo-de-pensamento, é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, de um modo que difere da apropriação desse mundo pela arte, pela religião, pelo espírito prático. Antes como depois, o objeto real conserva a sua independência fora do espírito; e isso durante o tempo em que o espírito tiver uma atividade meramente especulativa. Por consequência, também no emprego do método teórico é necessário que o objeto, a sociedade, esteja constantemente presente no espírito como dado primeiro²³.

MARX aceitou a interpretação de HEGEL da história do mundo como uma progressão dialética, mas eliminou o “Espírito do Mundo”, da filosofia de HEGEL, e prolongou o processo dialético de desenvolvimento histórico para o futuro. Para ele, as condições materiais de vida eram decisivas para a história e o modo de produção em uma sociedade determina as relações existentes na sociedade.

O que é a sociedade, seja qual for a sua forma? — O produto da ação produtiva dos homens. Podem os homens escolher livremente esta ou aquela forma de sociedade? De modo algum. Se o Senhor pressupõe um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas dos homens, obtém uma determinada forma de comércio e de consumo. Se o Senhor pressupõe determinados estágios de desenvolvimento da produção, do comércio e do consumo, obtém uma ordena-

21. LÖWY, Michael, ob. cit., p. 23.

22. ENGELS, F. Ob. cit., p. 310.

23. MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 219.

ção social correspondente, uma correspondente organização da família, dos estamentos ou das classes, em suma, suma sociedade civil correspondente²⁴.

Com relação ao seu método, o mesmo MARX, em outro texto, nos diz:

(...) o meu método dialético é, em sua base, não apenas diferente do método hegeliano, mas o seu inteiro oposto. Em Hegel, o processo do pensamento, que ele transforma, sob o nome de idéia, em sujeito autônomo, converte-se numa espécie de demiurgo do real, real que seria apenas o instrumento para a sua manifestação exterior. Para mim, ao contrário, o ideal nada mais é do que o material transposto para a cabeça do ser humano.

(...) A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impediu de maneira alguma que ele apresentasse pela primeira vez suas formas gerais de movimento de modo amplo e consciente. Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. Para que se descubra o núcleo racional do invólucro místico, é necessário colocá-la de cabeça para cima²⁵.

MARX considerava que a tradição racionalista, por manter sua análise no plano das idéias, não chegava a ser suficientemente crítica por não atingir a verdadeira origem das idéias, que estaria na base material da sociedade, em sua estrutura econômica e nas relações de produção que esta mantém.

Dever-se-ia analisar o capitalismo, para analisar sua natureza de dominação e exploração do proletariado, desmascará-la e formular princípios de uma prática voltada para a destruição da sociedade capitalista do Estado e construção da sociedade sem classes, o socialismo. Para ele, aliás, o Estado, isto é, a sociedade política, é expressão da sociedade civil, isto é, das relações de produção que nela se instalaram.

É desse modo que Marx rompe radicalmente com aquele círculo vicioso e apresenta uma nova concepção na qual a transformação das idéias, das ideologias, da consciência social, coincide com a transformação da própria sociedade, em um processo que é o da prática revolucionária das classes dominadas.

Nessa concepção se dá a visão dialética da relação entre o objetivo e o subjetivo, entre o social e o ideológico. É nesse sentido que se pode dizer que a filosofia da práxis de Marx é uma superação dialética ou, para utilizar o termo de Hegel, é uma *Aufhebung*²⁶ do idealismo e do materialismo anteriores...²⁷

24. MARX, Karl. *Crítica a Proudhon*. São Paulo: Ática, 1983, p. 432.

25. MARX, Karl. *Posfácio à 2ª edição alemã de O Capital*. São Paulo: Ática, 1983, p. 429.

26. Palavra alemã com três significados: a) abolição, destruição e eliminação, b) guardar, conservar e c) levantar. Hegel usou a palavra, reunindo seus três significados, para explicar a superação dialética (LÖWY, Michael. Ob. cit., p. 25).

27. LÖWY, Michael, ob. cit., p. 25.

MARX criticava a dialética hegeliana, que lhe parecia um materialismo envergonhado, com incapacidade de entender o tempo histórico materialista. Em **“A ideologia alemã”** procura mostrar que existe uma história concreta, material, fundada na dialética. Para ele, “o movimento da história produz as relações sociais (...)”²⁸.

A dialética de MARX é uma dialética do trabalho, pois o primeiro ato histórico foi o trabalho: quando os homens procuraram alimento e abrigo, começou a história. Esse trabalho em busca de abrigo e alimentação altera-se por meio da história.

A hipótese fundamental desta dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto, sejam idéias, princípios, categorias ou entidades. Isto se aplica ao homem, pois tudo que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história, e, também, à natureza, onde há uma transformação constante. No entanto, há uma diferença entre a história natural e a história humana: esta foi feita pelos homens e a história natural, não.

MARX considera esta idéia como um dos elementos essenciais na distinção de seu método: aplicando o método dialético, todos os fenômenos econômicos ou sociais, todas as leis da economia e da sociedade, como produtos da ação humana, podem ser transformadas por essa ação.

Esta idéia, aplicada no terreno social, “toma forma de historicismo, isto é, de afirmação da historicidade de todas as instituições, estruturas, leis e formas de vida social”²⁹.

A compreensão do processo histórico deve dar-se pela construção de categorias.

3.2 Categorias

BOTTOMORE nos diz que:

A obra de Marx e dos marxistas caracteriza-se pelo uso consciente de categorias tomadas ao quadro tradicional da lógica. Papéis importantes são atribuídos à negação, à quantidade, à relação e à necessidade. O método explicativo de Marx e dos marxistas desenvolve-se dentro dessas categorias, interpretadas de maneira realista: elas são tratadas como formas da realidade onde se inclui o pensamento (...) ³⁰

28. MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1989, p. 104.

29. LÖWY, Michael. Ob. cit., p. 15.

30. BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 219.

O que são estas categorias, tão importantes no método de MARX?

BOTTOMORE, na citação acima, já nos diz que “elas são tratadas como formas de realidade onde se inclui o pensamento”.

Para MARX, as máquinas ou o boi que puxa o arado não são considerados categorias econômicas, mas forças produtivas. No mesmo exemplo, ele diz que a fábrica moderna, que utiliza as máquinas, “é uma relação social de produção, uma categoria econômica”³¹. Diz ainda que elas são a expressão abstrata ideal, das relações sociais³².

Cremos que, a partir destas observações, podemos dizer que uma característica das categorias é mostrar as relações do real.

É de MARX a afirmação: “(...) estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são **produtos históricos e transitórios**”³³. Não são, pois, algo definido de uma vez por todas e não possuem um fim em si mesmas.

Portanto, podemos dizer que as categorias são conceitos básicos, que pretendem refletir os aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e suas relações.

Conforme RAMS:

(...) un resumen de la actividad económica, política, científica y valorativa, de la historia del arte, de la religión, del derecho y de la moral, una estructura de pensamiento donde se sintetizan las leyes de la actividad del hombre que se reproduce a si mismo — y al sistema de relaciones que acompañan la propia producción de su vida -, bajo condiciones histórico concretas determinadas³⁴.

Elas ajudam a entender o todo, pois exprimem a realidade da forma mais abrangente possível. Não sendo expressões neutras, estão comprometidas com uma determinada visão de mundo e têm função de, além de interpretar o real, indicar uma estratégia política.

A dialética como processo e movimento do próprio real não visa apenas conhecer e interpretar o real, mas transformá-lo no interior da história da luta de classes. É por isso que a reflexão só adquire sentido quando ela é um momento da práxis social humana.

(...)

31. MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1989, p. 124.

32. MARX, Karl. Crítica a Proudhon. In: MARX, K. , ENGELS, F. *História*. São Paulo: Ática, 1983, p. 438.

33. MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1989, p. 106.

34. RAMS, Alina Gonzalez. *Revista Cubana de Ciencias Sociales*. Havana, 1991, p. 39.

A conceituação supera os momentos falsos da representação e subsume os momentos de revelação através de uma análise que, intencionada pelas relações sociais, capta a essência que não é manifesta e determina o fenômeno de modo real. A análise torna-se, então, método, ao decompor o todo ingenuamente percebido para tentar reproduzir a estrutura da coisa e compreendê-la. Para isso, deve primeiramente destruir a pseudoconcreticidade, como condição do processo de desvendamento da lei do fenômeno⁴⁰.

As categorias, como expressão conceitual, repetimos, dão conta de uma realidade da forma mais abrangente possível, que não é neutra e é comprometida com uma determinada visão de mundo. O seu uso e a intencionalidade que as informa evidenciam uma tomada de posição face ao real.

A concepção das categorias no interior da filosofia da práxis nos leva não apenas a conhecer e interpretar o real, mas a procurar transformá-lo. “É por isso que a reflexão só adquire sentido quando ela é um momento da práxis social”⁴¹.

A partir destas considerações, destacamos as seguintes categorias que nos ajudam a entender o todo, cujos elementos são os constituintes da realidade: da contradição, da totalidade, da mediação, da reprodução, da hegemonia

3.2.1 A categoria da contradição

É a base da metodologia dialética, pois a realidade, no seu todo, é dialética e contraditória.

A transformação das coisas só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição. É o que se chama de contradição, que é universal, inerente a todas as coisas materiais e espirituais. A contradição é a essência ou a lei fundamental da dialética⁴².

A contradição é destruidora e criadora, pois obriga a sua superação, estendendo-se a todas as atividades humanas. CURY nos diz que

(...) a realidade não é apenas o já sido, embora ela possa no seu estar-sendo incorporar elementos do sido. Ela também não é só o ainda-não, embora sem este elemento o real se torne superável. A realidade, no movimento que lhe é endógeno, é exatamente a tensão dialética sempre superável do já sido e do ainda-não no sendo.

40. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 25.

41. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 26.

42. GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação*. São Paulo: Cortez, 1988, p. 26.

A tensão entre o já sido e o ainda-não é que possibilita o surgimento e a implantação do novo, pois penetra no processo, do começo ao fim, o desenvolvimento de todas as coisa"⁴³.

3.2.2 A categoria da totalidade

É importante, uma vez que, para a dialética, a natureza se apresenta como um todo coerente, onde objetos e fenômenos estão ligados entre si, condicionando-se reciprocamente. É de LUKACS a afirmação:

A concepção dialético-materialista da totalidade significa, primeiro, a unidade concreta das contradições que interagem (...); segundo, a relatividade sistemática de toda a totalidade tanto no sentido ascendente quando no descendente (o que significa que toda a totalidade é feita de totalidades a ela subordinadas, e também que a totalidade em questão é, ao mesmo tempo, sobredeterminada por totalidades de complexidade superior...) e, terceiro, a relatividade histórica de toda a totalidade, ou seja, que o caráter de totalidade de toda totalidade é mutável, desintegrável e limitado a um período histórico concreto e determinado⁴⁴.

A categoria da totalidade reflete as mediações e transformações historicamente mutáveis da realidade objetiva. Ela não quer dizer o conhecimento da totalidade da realidade, o que seria impossível, mas "a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o todo"⁴⁵. A totalidade é mais que a soma das partes, sendo uma espécie de estrutura significativa que emerge da visão de conjunto.

Se eliminarmos a totalidade, do ponto de vista da sociedade, estaremos tornando os processos particulares da estrutura social em níveis autônomos, sem estabelecer as relações internas entre eles.

A totalidade social na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado. Existe nas e através das mediações e transições múltiplas pelas quais suas partes específicas ou complexas — isto é, as "totalidades parciais" — estão relacionadas entre si, numa série de inter-relações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam. A significação e os limites de uma ação, medida, realização, lei, etc. não podem, portanto, ser avaliados, exceto em relação à apreensão dialética da estrutura da totalidade. Isso, por sua

43. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 30-31.

44. Citado por BOTTOMORE, Tom (ed.). Ob. cit., p. 381.

45. LÖWY, Michael. Ob. cit., p. 17.

vez, implica necessariamente a compreensão dialética das mediações concretas múltiplas que constituem a estrutura de determinada totalidade social⁴⁶.

3.2.3 A categoria da mediação

Refere-se ao estabelecimento de conexões através de um intermediário. É uma categoria central na dialética, no dizer de BOTTOMORE⁴⁷.

Segundo CURY, a mediação permite superar a separação aparente entre idéias e ação⁴⁸.

A categoria da mediação expressa as relações concretas e vincula mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo. Nesse todo, os fenômenos ou o conjunto de fenômenos que o constituem não são blocos irredutíveis que se oponham absolutamente, em cuja descontinuidade a passagem de um ao outro se faça através de saltos mecânicos. Pelo contrário, em todo esse conjunto de fenômenos se trava uma teia de relações contraditórias, que se imbricam mutuamente.

(...) O conceito de mediação indica que nada é isolado. Implica, então, o afastamento de oposições irredutíveis e sem síntese superadora. Por outro lado, implica uma conexão dialética de tudo o que existe, uma busca de aspectos afins, manifestos no processo em curso.⁴⁹

O mesmo CURY nos diz que, no caso da educação, esta categoria é básica, pois a educação, organizando e transmitindo idéias, medeia as ações executadas na prática social⁵⁰.

3.2.4 A categoria da reprodução

Justifica-se pelo fato da sociedade tender à autoconservação, reproduzindo as condições que possibilitem a sua manutenção.

Segundo MARX:

Qualquer que seja a forma social do processo de produção, tem este de ser contínuo ou de percorrer, periódica e ininterruptamente, as mesmas fases. Uma

46. BOTTOMORE, Tom (ed.). Ob. cit., p. 381.

47. BOTTOMORE, Tom (ed.). Ob. cit., p. 263.

48. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 28.

49. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 28.

50. CURY, Carlos R. Jamil, Loc. cit.

sociedade não pode parar de consumir nem de produzir. Por isso, todo processo social de produção, encarado em suas conexões constantes e no fluxo contínuo de sua renovação, é ao mesmo tempo processo de reprodução.

As condições da produção são simultaneamente as da reprodução. (...)

Se a produção tem a forma capitalista, também a terá a reprodução. No modo capitalista de produção, o processo de trabalho é apenas um meio de criar valor; analogamente, a reprodução é apenas um meio de reproduzir o valor antecipado como capital, isto é, como valor que se expande⁵¹.

CURY distingue entre a reprodução dos meios de produção e a das relações de produção. Elas não se identificam, pois enquanto a primeira consiste na reprodução dos instrumentos de trabalho, a segunda incide sobre a totalidade, sobre o movimento da sociedade como um todo⁵².

(...) A dialética reprodução-contradição-totalidade permite perceber como as instituições não só refletem as estruturas mais amplas, mas também cooperam para produzir as relações sociais.

A implicação das contradições no processo de reprodução das relações de produção mostra que elas geram conflitos, mesmo que o capitalismo tenha acionado seus dispositivos no sentido de extrair a coesão da contradição (CURY, p. 41).

Para reduzir ou atenuar estes conflitos, o capitalismo utiliza os aparelhos ideológicos (na busca do consenso) e os aparelhos coercitivos (na imposição coercitiva).

3.2.5 A categoria da hegemonia

É, também, importante na dialética e seu pleno desenvolvimento, como conceito marxista, deve-se a GRAMSCI⁵³.

Hegemonia implica poder-direção ou dominação-consenso. Dominar é governar, ser chefe, mandar, enquanto dirigir equivale a guiar, conduzir, ser líder. É na união destes dois elementos que se deve buscar o conceito pleno de hegemonia⁵⁴.

A hegemonia é a capacidade de direção cultural e ideológica que é apropriada por uma classe, exercida sobre o conjunto da sociedade civil, articulando seus interesses particulares com os das demais classes de modo que eles venham a se constituir em interesse geral. (...) ela busca também o consenso nas alianças

51. MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. v. 2, p. 659-660.

52. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 40-41.

53. BOTTOMORE, Tom (ed.). Ob. cit., p. 177.

54. JESUS, Antônio Tavares de. *Educação e hegemonia*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 32.

de classe, tentando obter o consentimento ativo de todos, segundo os padrões de sua direção.

É neste sentido que a hegemonia não é só aliança entre grupos de classe dominante, mas funciona a nível das relações entre dirigentes e dirigidos, o que permite à classe subalterna reivindicar seus objetivos mediante mecanismos estabelecidos pela burguesia. Isso se faz possível porque a ideologia dominante articula, inclusive satisfaz, certos interesses das classes subalternas⁵⁵.

A categoria da hegemonia indica a capacidade de direção cultural de uma classe sobre a sociedade civil, articulando seus interesses com as demais classes, de modo que eles se constituam em interesse geral.

*Como categoria interpretativa, a hegemonia permite pensar um processo de relação intelectual-massa que tenha em vista a formação de uma nova cultura superadora da alienação porventura existente no senso comum. O que significa, finalmente, a inversão de uma direção política dominante, em vista de uma nova concepção de mundo*⁵⁶.

4. CONCLUSÃO

Neste texto, procuramos analisar o papel das categorias no materialismo dialético, com vistas a uma melhor compreensão de ambos, à sua utilização como forma de visão do real e como contribuição para uma transformação deste mesmo real.

Para tal análise, optamos, inicialmente, por um rápido estudo das metodologias de HEGEL e MARX.

Inicialmente, procuramos dar uma rápida visão do panorama das idéias vigentes na Europa, e, portanto, no mundo civilizado de então, na época em que os dois autores viveram.

Constatamos que as principais idéias vigentes ligavam-se ao romantismo, ao idealismo alemão, à Revolução Francesa e às guerras napoleônicas. Neste contexto, HEGEL elabora a sua dialética e a sua Filosofia da História. Para ele, um idealista, tudo está em movimento e está subordinado ao domínio da razão.

Segundo MARX: “Em que consiste o movimento da razão pura? Consiste em se pôr, se opor, se compor, formular-se como tese, antítese, ou, ainda, afirmar-se, negar-se, negar sua negação”⁵⁷.

55. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 48.

56. CURY, Carlos R. Jamil, Ob. cit., p. 49.

57. MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985, p. 104-105.

HEGEL aplica o seu conceito de razão como soberano do mundo e o seu método à história. A sua Filosofia da História expõe o conteúdo histórico desta razão.

O que importa não é a miscelânea dos fatos históricos, mas a história como um todo racional, isto é, as leis e tendências para as quais os fatos apontam e das quais eles recebem a sua significação.

Neste sentido, para ele, o verdadeiro conteúdo da História é o progresso da consciência da liberdade, a realização da autoconsciência da liberdade.

A lei universal da História é: cada obstáculo, no caminho da liberdade, é superável pelos esforços de uma humanidade autoconsciente.

Esta Filosofia da História, aparentemente determinística, na realidade não o é, pois o fator determinante é a liberdade. No entanto, os homens históricos são os executores da vontade da História, do Espírito do Mundo.

A partir desta dialética e desta Filosofia da História é que MARX constrói o seu método.

Deixa de lado a idéia de HEGEL de que o real é o resultado do pensamento. Aceita a interpretação de HEGEL de que a história do mundo é uma progressão dialética, mas elimina a presença do Espírito do Mundo. Prolonga o processo dialético de desenvolvimento histórico para o futuro e considera que as condições materiais de vida são decisivas para a História e que o modo de produção em uma sociedade determina as relações nela existentes.

A hipótese fundamental de sua dialética é que não há nada absoluto, nada eterno. Com a aplicação do método dialético, todos os elementos da ação humana podem ser transformados. Para MARX:

(...) o problema não está em interpretar a realidade, mas em transformá-la. Logo, o marxismo não é uma teoria científica como as outras, não visa simplesmente descrever ou explicar, mas visa transformar a realidade, visa uma transformação revolucionária. Trata-se portanto de compreender a realidade para transformá-la revolucionariamente a partir de um ponto de vista de classe, do ponto de vista das classes dominadas.

É aí que se dá o divisor de águas fundamental entre a dialética de Marx e a de Hegel. É a dimensão revolucionária da dialética marxiana contra a posição de caráter conservador e legitimador do status quo da dialética hegeliana (...) ⁵⁸.

A sua dialética é uma dialética do trabalho, pois foi este o primeiro ato histórico, quando os homens procuraram, pela primeira vez, alimento e abrigo. Só que, através da história, este trabalho se alterou.

58. LÖWY, Michael, Ob. cit., p. 18.

Assim, MARX acredita que se deve analisar o capitalismo, para analisar sua natureza de dominação e exploração do proletariado, desmascará-la e formular princípios de uma prática voltada para a destruição da sociedade capitalista e do Estado e a construção de uma sociedade sem classes.

Para que possa haver esta mudança pretendida, deve-se compreender o processo histórico e, para tanto, há necessidade de se procurar o auxílio das categorias.

Elas são conceitos que pretendem refletir o real, em seus aspectos gerais e essenciais, bem como suas conexões e relações. Não são expressões neutras, mas, sim, estão comprometidas com uma determinada visão de mundo e têm em vista a transformação desse mundo real.

Como as categorias são produtos históricos e transitórios, não sendo algo definido de uma vez por todas e não possuindo um fim em si mesmas, optamos por analisar, neste artigo, as seguintes categorias, que nos ajudam a estudar o todo, com vistas à transformação da realidade:

- categoria da contradição, central na dialética, pois a realidade é contraditória;

- categoria da totalidade, que reflete as mediações e transformações historicamente mutáveis da realidade objetiva, que é um todo orgânico, estruturado: pode-se perceber um aspecto dessa mesma realidade, sem perder a sua relação com o todo;

- categoria da mediação, “que expressa as relações concretas e vincula mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo”⁵⁹;

- categoria da reprodução, uma vez que a sociedade tende a autoconservar-se, reproduzindo as condições que possibilitem a sua manutenção;

- categoria da hegemonia, que indica a capacidade de direção cultural de uma classe sobre a sociedade civil, articulando seus interesses com as demais classes, de forma que eles se constituam em interesse geral.

Acreditamos que, com isto, atingimos o objetivo a que nos propusemos, inicialmente, de uma maior compreensão do materialismo dialético e, em especial, de suas categorias.

Isto, no entanto, só estará cabalmente demonstrado quando, na prática, formos capazes de pensar e agir conforme os princípios do materialismo dialético, deixando de lado o modo de ser positivista. É o que esperamos ter alcançado.

59. CURY, Carlos R. Jamil. Ob. cit., p. 28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**. 3.ed. Piracicaba : UNIMEP, 1995.
- BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. 2.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1988.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Hegel : o Estado como realização histórica da liberdade. In : WEFFORT, Francisco C. (org.) **Os clássicos da política**. 5.ed. São Paulo : Ática, 1995. v. 2.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição** : elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 3.ed. São Paulo : Cortez, 1987. p. 21-85.
- ENGELS, Friedrich. A "Contribuição à crítica da economia política" de Karl Marx. In : MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo : Alfa-Omega, [s.d.]. v.1. p. 304-312.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação** : um estudo introdutório 8.ed. São Paulo : Cortez, 1992.
- GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Trad. Dario Canali. 13.ed. Porto Alegre : L&PM, 1995.
- INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia na universidade**. Campinas : Papirus 1995.
- JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.
- JESUS, Antônio Tavares de. **Educação e hegemonia**. São Paulo : Cortez, 1992.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- LACERDA, Carlos Augusto, GEIGER, Paulo (coord.). **Dicionário Aurélio eletrônico**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1994. v.1,3.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social** : elementos para uma análise marxista. São Paulo : Cortez, 1985.
- MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**. Trad. Marília Barroso. 4.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988, p. 207-228, 285-293.
- MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Trad. José Paulo Netto. 2.ed. São Paulo : Global, 1985. p. 101-135.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo : Martins Fontes, 1977. p. 23-27, 218-236.

-
- ____. **Capital** : crítica da economia política. 13. ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989. v.2. (Livro 1: O processo de produção do capital).
- ____. Crítica da filosofia do direito de Hegel. In: **TEMAS de ciências humanas**. São Paulo : Grijalbo, 1977. v.2. p. 1-14.
- ____. Crítica a Proudhon. In : MARX, K., ENGELS, F. **História**. Organizado por Florestan Fernandes. São Paulo : Ática, 1983. p. 431-441.
- ____. Posfácio à 2ª edição alemã de O Capital. In : MARX, Karl, ENGELS, F. **História**. Organizado por Florestan Fernandes. São Paulo : Ática, 1983. p. 422-430.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A sagrada família**. Trad. Fiana Hasse Pais Brandão, João Paulo Casquilho e José Bettencourt. 2. ed. Portugal : Presença, [s.d.]. p. 85-90.
- PALMA FILHO, João Cardoso. **Educação pública** : tendências e desafios. São Paulo : CERED, 1990. p. 29-39.
- RAMS, Alina Gonzalez. La llamada crisis del marxismo. **Revista Cubana de Ciencias Sociales**, n. 26, p. 37-41, 1991.
- SÁ, Elisabeth Schneider de et al. **Manual de normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais**. Petrópolis : Vozes, 1994.
- SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Formulações de Marx sobre o método**. Piracicaba : UNIMEP, 1995. (mimeo.)